

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 – N. 01 ISSN 2179 – 3441

Resenha de JULIÃO, José Nicolao. *As considerações de Nietzsche sobre o Renascimento*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2023.

André Luís Mota Itaparica 

Professor da UFRB e do PPGF-UFBA. Cachoeira/Salvador, BA, Brasil. Contato: itapa@ufrb.edu.br

Friedrich Nietzsche foi um entusiasta do Renascimento. O movimento italiano foi considerado, na *Genealogia da moral*, uma vitória temporária do ideal clássico e dos valores nobres, na disputa histórico-universal realizada entre “Roma” e “Judeia”. Ademais, como professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, era colega e admirador do grande historiador da arte suíço Jacob Burckhardt, autor de livros célebres como *A cultura do renascimento na Itália* e *O cicerone. Um guia para aproveitar a arte da Itália*. Por essas razões, não deixa de ser curioso que, na pesquisa Nietzsche, seja escasso o número de livros inteiramente dedicados à relação entre Nietzsche e o Renascimento. A obra *As considerações de Nietzsche sobre o Renascimento*, de José Nicolao Julião, pretende preencher essa lacuna, e só por isso a empreitada já merece ser saudada pela comunidade de estudiosos do filósofo alemão, particularmente no Brasil, mas também no exterior.

Com uma prosa sóbria e direta, o livro revela uma extensa pesquisa sobre a relação de Nietzsche com o Renascimento em suas diversas dimensões. Nesse sentido, deve-se ressaltar não só o estudo filosófico, mas também o estudo histórico a que se dedicou o autor. Chama particularmente atenção a riqueza da bibliografia de história da arte utilizada, que se mostrou imprescindível para o trabalho, assim como o cuidado em incluir boas imagens das obras artísticas de mestres renascentistas comentadas por Nietzsche. Com isso, num livro breve e claro, Julião abarca uma enorme gama de aspectos históricos, políticos, artísticos e filosóficos envolvidos no Renascimento, para dar conta das centenas de referências diretas que Nietzsche faz a personagens

importantes do movimento. A esse respeito, Julião lembra que um traço comum da filosofia de Nietzsche é o fato de que o Renascimento, assim como o Iluminismo, é considerado tanto historicamente, como um movimento temporalmente localizado, quanto conceitualmente, como um conjunto de ideias de caráter renovador: “ambas as terminologias devem ser compreendidas em nossa análise, tanto como uma instância histórica particular (o Renascimento, o Iluminismo) quanto como ideia mais geral de renascimento e iluminação” (p. 24).

Assim entendido, o leitor não só é inserido no mundo do Renascimento, mas também tem a oportunidade de visualizar a extensão dos propósitos culturais que a reflexão de Nietzsche sobre a história do ocidente abarca. Trata-se, aqui, de uma leitura que tem como princípio metodológico compreender o contexto de elaboração de uma obra: “faz-se necessário um método interpretativo de análise que não privilegie somente o texto, mas também o contexto, as circunstâncias em que foi elaborado” (p. 25). Numa filosofia que se caracteriza pela multiplicidade dos pontos de vista que aplica em suas análises, ao abordar os problemas com que Nietzsche se ocupou a partir de temas relacionados ao Renascimento, a obra de Julião oferece uma análise privilegiada de uma dessas perspectivas, que não se pretende, contudo, exclusiva: “[...] este não é o único e nem o mais importante período histórico admirado pelo filósofo em busca da complexidade e da pluralidade que caracterizam a cultura superior, iluminada, capaz de fazer emergir figuras ou tipos históricos que atuam como grandes homens” (p. 17).

Seguindo a tradicional periodização da obra de Nietzsche em três fases (pessimismo romântico, intelectualismo iluminista e época da transvaloração), Julião dividiu as seções de seu livro de acordo com cada um desses momentos. A primeira parte dedica-se à contraposição entre o projeto cultural de um renascimento (*Wiedergeburt*) da tragédia a partir da arte total wagneriana e o ideal clássico da época do Renascimento. Na segunda parte, o livro analisa o período da filosofia dos espíritos livres, concentrando-se nos grandes modelos renascentistas de Nietzsche: Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio e Michelangelo Buonarroti. Na terceira parte, enfim, Julião detém-se na relação entre o projeto de transvaloração e sua explosiva associação com a figura de Cesare Borgia.

O propósito de tal divisão é mostrar como Nietzsche, no primeiro período de sua obra, imbuído de sua metafísica de artista e da defesa do ideal wagneriano, mantém certa distância do ideal renascentista, visto como manifestação da cultura socrático-alexandrina, racionalista e dualista, em detrimento do caráter trágico e unitário da Grécia arcaica, da qual a obra de Wagner representaria o real renascimento: “Ao contrário do socratismo e, conseqüentemente, do cristianismo, que separam os opostos, opondo a virtude à sensualidade, a espiritualidade à paixão, a alma ao corpo, a música

wagneriana os une e, com isto, encontra a plenitude do espírito dos pensadores trágicos da Grécia arcaica” (p. 39).

Essa visão se modifica radicalmente no seu segundo período, que coincide com o seu rompimento com Wagner e com a metafísica de Schopenhauer, quando Nietzsche passa a prezar o caráter científico e racional do Renascimento, já que o filósofo, nesse momento, passa a se considerar um herdeiro dos ideais iluministas e representante do espírito livre: “a partir da sua fase intermediária – estendendo-se ao terceiro momento do seu processo de desenvolvimento intelectual – o filósofo passa a ver o Renascimento como sendo, na história da civilização humana, um momento da reabilitação de uma cultura elevada, tal como aquela laureada por ele, quando se referia ao período trágico grego ou, posteriormente, quando se referirá ao Iluminismo” (p. 65).

No terceiro período, então, Nietzsche encontra, no personagem conceitual Cesare Borgia, um tipo representativo de sua transvaloração dos valores. Como modelo radicalmente oposto dos ideais cristãos, Cesare Borgia representa, segundo Julião, uma figura central na transvaloração dos valores cristãos, assumindo um protagonismo no próprio *Anticristo*, livro que Nietzsche chegou a considerar como a própria realização da transvaloração. Ele personificaria os dois aspectos da transvaloração, o negativo, da crítica dos valores decadentes, e o positivo, da exortação e realização de valores superiores e afirmativos: “o personagem conceitual ou tipo exemplar de Cesare Borgia – o antípoda do Cristianismo – é apresentado como protagonista, sendo ele, ao mesmo tempo, a realização da plenitude e o automartírio” (p. 155). Quanto a essa interpretação, certamente se poderia questionar a centralidade, diria até a quase exclusividade, do personagem Cesare Borgia nesse terceiro período da filosofia de Nietzsche. Essa escolha se justifica pela originalidade da perspectiva e pela audácia de enfrentar um tema tão controverso. Entretanto, com isso, o tema do Renascimento como capítulo importante da disputa histórico-universal entre Roma e Judeia acabou não recebendo destaque na análise de Julião, que poderia desenvolver outros aspectos renascentistas exaltados por Nietzsche no período da transvaloração de todos os valores.

Apesar da aparência esquemática, comum quando se adota a periodização clássica da obra de Nietzsche (e o que faz muitos a considerarem apenas uma divisão metodológica e didática), a análise de Julião é claramente um recorte de temas importantes de cada período em relação ao Renascimento, não procurando, assim, apresentar uma leitura sistemática e exaustiva da obra de Nietzsche sob a ótica do Renascimento, nem forçar uma correspondência estrita entre os temas e as três fases da obra de Nietzsche, algo que o autor faz questão de esclarecer já na introdução do livro: “podemos afirmar que há em Nietzsche pelo menos três momentos de apropriação sobre o Renascimento (*Renaissance*) no conjunto da sua obra, e que estes estão, respectivamente, vinculados, mas não totalmente afinados e harmoniosamente

definidos, com a divisão *standard* – em três fases – do seu processo de desenvolvimento intelectual” (p. 11).

É necessário enfatizar que a análise dos três períodos da relação de Nietzsche com o Renascimento se sustenta na abordagem de diversos aspectos históricos, culturais e artísticos, assim como na exposição de como isso se reflete nas transformações da obra de Nietzsche. Tal abordagem envolve, assim, uma discussão sobre a oposição entre ópera e obra total, a analogia entre coro luterano e coro trágico, e considerações sobre toda uma gama de escritores, músicos, pintores e escultores que traduzem o ideal nietzschiano em cada um desses momentos (o herói trágico, o espírito livre e homem superior). A produção desse grande mosaico, portanto, mostra como a comparação realizada por Julião entre as fases da obra e as considerações nietzschianas não é feita de forma automática e forçada. Quanto a isso, é exemplar a análise que o autor faz das mudanças de interpretação que a *Transfiguração* de Rafael recebe em cada momento da obra do filósofo alemão.

É digno de nota, também, o destaque que Julião dá à influência que as reflexões de Burckhardt exerceram sobre a concepção de Nietzsche do Renascimento. Quando comenta os três grandes artistas renascentistas, Julião, acertadamente, enfatiza a importância de Burckhardt na recepção nietzschiana desses autores, em particular Michelangelo. Assim como Burckhardt, Wagner é, por motivos semelhantes, uma presença marcante na obra aqui resenhada. Por isso, talvez seu autor devesse ter discutido o papel do compositor alemão no desenvolvimento do tema da “despontenciação (*Depotenzieren*) da aparência na aparência”. Trata-se de uma ideia schopenhaueriana que foi discutida no *Beethoven* de Wagner e que depois reapareceu na célebre descrição da *Transfiguração* no *Nascimento da tragédia*. Isso poderia enriquecer a análise da interpretação nietzschiana do quadro de Rafael, que, em todo o caso, é muito bem realizada.

Trata-se de um livro, enfim, que vem suprir uma lacuna importante na pesquisa Nietzsche, fornecendo um apurado panorama da relação de Nietzsche com o Renascimento. Além da importante contribuição acadêmica do livro, vale também ressaltar o espírito propriamente nietzschiano – de união entre vida e obra – que o inspira: tanto nos agradecimentos como em várias palestras de divulgação do livro, Julião sublinhou como a obra foi gestada no difícil período da pandemia da Covid-19, quando enfrentou perdas e adversidades pessoais de várias ordens, de sorte que a escrita do livro representou, para o próprio autor, uma forma de renascimento.